

**A HISTORIOGRAFIA FEMININA: UM BREVE PANORAMA DA OBRA
SOBRADOS E MUCAMBOS**

Camila Guidini Camargo*

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo um estudo do gênero feminino, através da leitura da obra *Sobrados e Mucambos* do escritor pernambucano Gilberto Freyre. Neste sentido teceu-se um breve panorama sobre a importância da historiografia feminina, contextualizando a partir da obra em questão a vigilância e opressão da *pater familias* à mulher. Freyre soube de maneira inteligente e perspicaz analisar juntamente com a história, a sociologia e a antropologia as relações de hierarquia do sistema patriarcal estabelecidas na sociedade.

Palavras-chave: História das Mulheres; Historiografia; Identidade

ABSTRACT:

This article aims at a study of Brazilian women in the patriarchal period, through reading the work of the Mansions and the Shanties Pernambuco writer Gilberto Freyre. In this sense wove a brief overview of the work in question, focusing on surveillance of paterfamilias to the woman, the exhibition and submission to the father and later her husband. Freyre knew how intelligent and insightful analysis along with history, sociology and anthropology relations established hierarchy of the patriarchal system in society. Thus, through the eyes of the Master of Apipucos will study the woman of the eighteenth and nineteenth centuries.

Key-words: History of Women; Historiography; Identity

A importância do estudo da mulher como sujeito da história

A produção da história da mulher no cenário mundial e brasileiro surge com a efervescência dos movimentos feministas, os quais serviram de suporte e referência para o início de uma leitura do grupo, até então excluído da história. Iniciado pelos filósofos de forma ainda pouco estudada e tendo a ausência de um embasamento sólido – não deixando de levar em conta que no primeiro momento eram estudos produzidos por

* Graduada em História pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Campus de Frederico Westphalen. Pós-graduanda do Curso de Aperfeiçoamento em Docência no Ensino Superior pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Campus de Frederico Westphalen. E-mail: milinhaguidini@hotmail.com

homens e não por mulheres - desabrochando no século XIX com uma nova percepção, por exemplo, de Hegel e Marx, que começam a tecer reflexões e estudos voltados à diferença dos sexos, sendo um passo importante para a historiografia feminina, principalmente nos centros acadêmicos, configurando-se como um divisor de águas na História, - esta que toma para si parte de tais estudos - até então desenvolvidos por pensadores e intelectuais.

Depois de Hegel, que pensou a “diferenciação sexual”, o jogo entre o mesmo e o outro, o reconhecimento de si no outro, temas centrais na tese da dialética, e com a prática da idéia de “igualdade” dos sexos e o declínio da metafísica, tudo mudou. A questão da igualdade entre sexos não podia mais ser ignorada. Os pensadores da emancipação, os filósofos da política, de Fourier a Marx [...] procuravam [...] definir a liberdade, a emancipação, ou a igualdade entre homens e mulheres. (PRIORE, 2001, p. 220)

Todavia, as produções historiográficas e literárias do gênero feminino, no princípio, foram pouco exploradas, talvez por falta de estudos mais aprofundados, talvez pela incerteza de ultrapassar barreiras de um espaço até então exclusivamente masculino, adentrando em um terreno pouco discutido. Neste sentido, muitos estudos acadêmicos ficaram de forma mais superficial e descomprometidos, mostrando-se assim que havia vários paradigmas a serem rompidos a cerca dos valores e conceitos da sociedade machista e conservadora.

Gradualmente as pesquisas relacionadas à inclusão da mulher, ganharam terreno na História, sendo abordadas as relações sociais, antropológicas, psicológicas e históricas. Assim, este grupo por muito tempo negado, começa a criar e ocupar um lugar próprio na historiografia brasileira, emergindo do esquecimento, trazendo a tona questões importante do gênero, palavra tão contextualizada na atualidade, que contribuiu abrindo espaços para a história da mulher na vida pública, entrando em discussão a igualdade dos sexos, o papel feminino na família, no cotidiano e suas representações, sendo a mulher produto da sociedade, peça do contexto histórico vivenciado.

Daí a solução historicidade como ponto de partida para uma reflexão a partir do material histórico. Uma historicidade que, concretamente trabalhada, retomasse a noção de fato histórico e de conjuntura, de ruptura e de cronologia, para compreender a partir de que referências podem entender a diferença e falar de história da mulher. (DEL PRIORE, 2001, p. 220)

A mulher, o ser Mulher atuante e sujeito da sociedade, trás vários impasses de definições, como suas singularidades, e por que não suas ambiguidades “a discrepância, a tensão, e o constante deslize entre, de um lado, a Mulher como representação, como o objeto e a própria condição da representação e, de outro lado, as mulheres como seres históricos, sujeitos de “relações reais”, são motivadas e sustentadas por contradição em nossa cultura, [...] as mulheres se situam tanto dentro quanto fora do gênero, ao mesmo tempo dentro e fora da representação.” (LAURENTIS apud LAURENTIS, 1984, p. 217-128).

Assim, compreendemos que a mulher não é apenas um individuo processado em um ambiente de representações, ela é cotidiano, é desafios, família, trabalho, é sujeito da história, em constante ascensão inseridas no corpo social, tendo consciência da importância do seu gênero na representação do sexo feminino – que segundo Beauvoir é atribuído no desenvolvimento e na construção da mulher, o que é afirmado na sua famosa frase “não se nasce, mas torna-se mulher” e conforme Butler, (1987, p. 143) “tornar-se um gênero é um processo impulsivo, embora cauteloso, de interpretar uma realidade plena de sanções, tabus e prescrições.”- não considerando apenas a mulher como gênero e acabando por estereotipar este conceito, mas observando-as como indivíduos atrelados as relações presentes no dia-a-dia, rompendo paradigmas de uma sociedade conservadora e por séculos manipuladas e tiranizadas pelo sexo masculino, tendo a consciência de que a mulher forma-se mulher através das relações sociais atribuídas ao meio em que vive.

A evolução dos direitos das mulheres: os movimentos feministas

Com os movimentos feministas, esse grupo passa a reivindicar os seus direitos e espaço, saindo da vida restrita do lar para a vida pública, exigindo a igualdade dos

sexos, participando de questões que até então eram exclusivamente masculinas, abordando a sociedade e o seu cotidiano de uma forma singular, construindo sua história, formando a sua autonomia, visualizando e discutindo as relações estabelecidas no cotidiano e a própria feminilidade eixo norteadores deste novo contexto.

Após ter colocado a questão da emancipação das mulheres, o feminismo assume novas formas manifestando-se onde menos se espera: no interior dos lares, dos escritórios, dos bares, na mudança dos padrões femininos e masculinos de sexualidade e conduta. Num outro pólo, cresce a produção teórica tematizando a história das mulheres, de suas lutas e experiências na vida pública (ALVAREZ *apud* Universidade Católica de Goiás, 1996, p. 61)

Na leitura do texto *História das mulheres: as vozes do silêncio*¹, da historiadora Mary Del Priore o qual utilizei para uma leitura mais ampla e uma maior percepção da importância do estudo das mulheres brasileiras, destaca-se que a iniciativa dos estudos historiográficos voltado ao gênero feminino importou-se da Europa, em especial da França, Inglaterra e dos Estados Unidos na década de 70, época em que se evidenciaram os movimentos feministas, ligados a questões como a antropologia, os estudos da história, das sociedades e das mentalidades, cultivando um novo campo direcionado ao imaginário e a história popular, condicionando aos estudos do estereótipo feminino e suas singularidades nos vários espaços de tempo.

Quebra-se assim o paradigma de que o mundo da mulher é restrito ao espaço privado, tendo a contribuição da “crítica feminista atual expressa à necessidade da articulação radical [...] com a construção da categoria “mulher” enquanto questão de sentido que deve ser particularizada, especificada e localizada historicamente” (HOLLANDA, 1992, p. 55) viabilizando assim a historiografia feminina contemporânea e entrando em voga questões de gênero como formação de identidade, desconstruindo a representação de mulher submissa ao homem, ao lar e aos filhos, começando a ser discutido nos centros acadêmicos o papel delas como indivíduos que constroem a sua realidade, atribuídas e conferidas por elas nas suas várias representações.

O espaço da mulher na história do Brasil: emergindo das sombras

Desenvolver um estudo a cerca do gênero feminino estando muitos séculos à sombra de um sistema patriarcalista, machista e egoísta, onde somente a figura masculina tinha voz e vez perante a sociedade e que acabaram por construir a história em cima de reis, barões, viscondes, imperadores, marqueses, presidentes, etc.; ocultando na escuridão as mulheres que estavam por de trás destas personagens, como se estas não fizessem parte da construção histórica da sociedade brasileira, é de certa forma ainda nos dias de hoje um tema pouco explorado comparado aos estudos e produções do sexo oposto e demais gêneros.

A partir da contemporaneidade inicia-se uma abordagem mais ampla do lugar da mulher no processo histórico, transpondo os papéis femininos em diferentes recortes de tempos, colaborando positivamente para o estudo e o conhecimento do gênero e sua trajetória dentro das diversas épocas da narrativa e historiografia da sociedade brasileira.

Segundo Priore (2001, p. 233) “A tarefa da história das mulheres [...] não é a desconstrução dos discursos masculinos sobre as mulheres, mas sim, a ultrapassagem da pobreza dos fatos que tornou a vida dessas atoras sociais tão descarnada”.

Para Campos (1992, p. 111) “a história das sociedades até agora existentes constituiria uma história da subordinação das mulheres pelos homens em base aos sistemas gênero-sexo que culturalmente produziram”. Gilberto Freyre em diversas passagens das obras *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos* mostra como a estrutura social diferenciou extremamente a mulher do homem, fruto da construção de representações idealizada na patriarcal e escravocrata sociedade brasileira.

Nesta conjuntura entra papel do historiador: buscar retratar através de fatos históricos, da sociedade e do cotidiano a vida e as relações atreladas às mulheres e as demais vozes caladas pela história das minorias privilegiadas, nos mais diversos contextos e épocas, mostrando que estas são produto da sociedade, e mais que isso, é parte essencial para que esta sobreviva constituindo a sua própria identidade, voltando às lentes da História para os grupos que durante séculos foram esquecidos.

Gilberto Freyre (2001, p. 96a) em um de seus artigos reunidos no livro *Antecipações*, escreve já em 1936 na revista *Lanterna Verde*, as modificações que vinham ocorrendo na época, através da sua narrativa, entre as diferenças de sexo:

Intelectualmente como socialmente, nós estamos numa época em que o masculino e o feminino tendem a um tipo único, as diferenças se mostrando bem menos vivas do que há um século. Então não se compreendia homem sem barba nem mulher sem anquinha. (FREYRE, 2001, p. 96a)

As mulheres passam a reclamar e a aclamar por seu lugar na sociedade, manifestando-se na busca dos seus direitos, começando a pensar e a falar por si próprias, sendo muito bem representada por várias escritoras feministas como Michelle Perrot, Simone de Beauvoir, no cenário mundial; Mary Del Priore, Clarice Lispector, Cecília Meireles e tantas outras que contribuíram para produções do gênero construindo a História das Mulheres na sociedade, trazendo para a luz dos debates questões importantes do gênero até então isoladas na escuridão, construindo a base para da identidade feminina, sendo em diversas circunstâncias o ponto de partida para as relações e a conquista de direitos que por muito tempo lhe foram negadas.

Gilberto Freyre à frente de seu tempo pautou em distintos momentos de suas obras a mulher brasileira, a indígena, a negra, a europeia e as que nasceram deste hibridismo racial e cultural, em especial em duas das suas renomadas obras *Casa Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*. A mulher aristocrática é o eixo principal que norteia este estudo no ensejo de garimpar no baú da história e trazer para a contemporaneidade a participação como sujeito atuante na história brasileira, não como meros figurantes esquecidos pela platéia.

Freyre, mais do que escritor, sociólogo, antropólogo, exerceu o papel de historiador, teve muitas de suas metodologias utilizadas posteriormente por outros escritores, sociólogos, antropólogos e historiadores brasileiros. Desenvolveu em suas obras o prazer indescritível de passear pela história do Brasil, presenteando o leitor com seus ricos detalhes, não utilizando uma ordem cronológica imparcial, mas buscando atribuir na sua escrita à associação de recortes de tempos, transportando-nos de um

tempo para o outro, de um século para outro, da casa-grande para o sobrado, da senzala para o mucambo, do rural para o urbano associando o tempo e sua história.

Sabemos que um bom historiador é aquele que expõe as formas e as estruturas das situações sociais, estudando sua evolução no tempo e marcando suas continuidades e rupturas. Gilberto Freyre faz bem mais do que isso. Ele ressucita o ritmo de vidas já mortas e a história de seus destinos, de seus gestos de suas incertezas e de suas esperanças. (PRIORE, 2003, p. 242)

Assim, com o desejo de resgatar a história da mulher no Brasil no recorte de no período que abrange o século XIX, este estudo busca contribuir com a ampliação de trabalhos sobre o gênero feminino analisando a vida da moça de sobrado com sujeito histórico, tecendo e trazendo a tona através do estudo do livro *Sobrados e Mucambos* o que Mary Del Priore chama no artigo já citado como “as vozes do silêncio”.

O homem e a mulher: antagonismos extremos no Brasil patriarcal e escravocrático

Gilberto Freyre sinaliza em *Sobrados e Mucambos* de forma arguta e sutil o abismo cultural, social, político e econômico que separaram o homem e a mulher na fase patriarcal, traduzida na frase: “nunca os dois sexos se ajustaram numa criação comum” (FREYRE, 2006, p. 229a) o que afirma tal distinção entre os dois sexos ocuparam espaços totalmente distintos nas bases da sociedade brasileira da época, fruto de uma cultura de totais direitos reservados ao sexo masculino, indivíduo ativo e modificador da esfera pública, e em contrapartida, os deveres estavam condicionados ao sexo feminino, sujeito artificial, ofuscado e passivo diante do gênero dominador.

Em suma, o homem no decorrer da História foi amparado pela lei, gozando de totais liberdades, ao contrário da mulher a qual por muito tempo esteve condicionada as regras, aos deveres e obediências particulares: a administração da casa, a ordenação e supervisão dos trabalhos dos escravos, os cuidados com a educação dos filhos, a obediência aos caprichos e desejos dos maridos. Afirmando estes conceitos de mulher de família aos olhos da sociedade D’Incao (2007, p. 223), coloca que “um sólido

ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível. Ainda neste sentido Engel (2007, p. 332) avalia que a mulher era “submetida a um conjunto de medidas normatizadoras extremamente rígidas que assegurassem o cumprimento do seu papel social” o que era imposto pela base de estrutura do gênero masculino vigente, e ela completa dizendo que “o que garantiria a vitória do bem sobre o mal, de Maria sobre Eva”, ou seja, tudo que não estivesse dentro das normas de condutas era associado ao mal, à tentação a desvirtuação do sexo feminino.

Em sua obra Freyre assinalou a vida da mulher brasileira a sombra da estrutura vigente da época: o patriarcado; descrevendo a mulher gorda e apática, bem como a sinhazinha moça, na sua fragilidade e morbidez, o que as tornavam dependentes do sexo forte, protetor e possuidor da ordem, produto deste sistema, para que fossem sempre extremamente opostos, não competindo assim os homens nas esferas políticas, econômicas e sociais. Neste sentido Febvre (1978, p. 112) pontua que “o individuo é sempre o que permitem que ele seja tanto a sua época quanto o seu meio social”, em outras palavras e utilizando deste pensamento para o período patriarcal brasileiro, a mulher foi projetada e articulada para a sociedade em questão: machista e conservadora.

[...] a beleza que se quer da mulher, dentro do sistema patriarcal, é uma beleza meio mórbida. A menina de tipo franzino, quase doente. Ou então a senhora gorda, mole, caseira, maternal, coxas e nádegas largas. [...] O máximo de diferenciação de tipo e de traje entre os dois sexos. [...] afastar-se a possível competição da mulher no domínio, econômico, e político, exercido pelo homem sobre as sociedades de estrutura patriarcal. (FREYRE, 2006, p. 207a)

Esta diferenciação entre a hegemonia do homem e a alienação da mulher que ocorreu durante séculos na sociedade brasileira é abordada na obra *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte*, do renomado antropólogo Roberto da Matta (1997, p. 39), onde ele observa que “o mundo diário pode marcar a mulher como o centro de todas as rotinas familiares, mas os ritos políticos do poder ressaltam apenas os homens” sendo isso muito evidente no Brasil, tendo em vista a negação do patriarcado de uma

possível participação da mulher como agente ativo na sociedade, configurando-se em um ser inferior ao sexo oposto e, desta forma, figura superficial e alheia a vida além-casa. Em contrapartida o Mestre dos Apipucos (2006, p. 224a) afirma que “na mulher se encontra, em geral, maior “realismo prático do que no homem, em consequência de predisposições criadas pelo o que o psicólogo inglês² chama “afetabilidade”, em outras palavras, a mulher devido a laços mais fortes nas relações entre a família e por lidar com maior frequência e facilidade com as relações fraternais, passa a ter melhor dinâmica e postura frente às situações.”

A tendência das mulheres do país neste período era o de criaturas alienadas a estância pública, impossibilitadas de expressar suas idéias e opiniões, de ter uma participação ativa e pode-se dizer que muitas foram reprimidas até mesmo de pensar, tiranizadas pela sociedade. Elas foram neste sistema, seres submissos e superficiais, que aceitavam o que lhe era imposto, fazendo-se obedecer ao pai quando moça fraca, lânguida e dependente e ao marido quando esposa gorda, larga e doméstica.

Porém, no Brasil patriarcal não predominou apenas este estereótipo de mulher, existiu, exceções, mulheres criadoras, com grande vitalidade “sobretudo senhoras de engenho, em quem explodiu uma energia social, e não simplesmente doméstica maior que a do comum dos homens.”(FREYRE, 2006, p. 209a). Essas matronas administraram suas propriedades, ordenavam seus escravos, e em alguns casos, se não viúvas, até mesmo os seus maridos. Mulheres revolucionárias para a época, que mostraram que era muito mais do que senhoras gordas e molengas ou mimadas e mimosas sinhás moças, mas mulheres empreendedoras.

Padre Lopes da Gama em um de seus artigos no qual ele criticava a aristocracia devido ao excesso de luxo, o que gerou muitos maus costumes e hábitos coloca que, de certa forma, a mulher é vítima e não culpada das novas modas adquiridas da Europa: “elas, coitadinhas, não conhecem o mundo; a educação que ordinariamente se lhes dá faz com que todo o seu estudo consista em parecer bem aos homens”. (GAMA, 1996, p. 52), salientando assim, que o sexo feminino era produto do que o sistema patriarcal configurava.

No âmbito geral, as mulheres foram tiranizadas e ocultadas da história pelos “donos da razão e do saber”, pelos “senhores modificadores e produtores da sociedade, homens de visão, de perspectivas, de objetivos e metas cumpridas.” As mulheres, ah as mulheres... Seres sem noção, sem visão, sem tino político, econômico ou social, sujeitos que tinham um grande prestígio por uma razão: eram elas, as reprodutoras dos seres que no sistema patriarcal sempre foram o passado, o presente e o futuro do país: o sexo masculino, esta era a cultura criada e afirmada no sistema patriarcal.

Redoma de vidro: a ditadura do *pater familias* frente à moça

A moça foi tanto quanto a mãe tiranizada pelo patriarca, “o protetor todo poderoso das moças indefesas”, vigiando-as e quando não presentes em casa, contando com a ajuda da mãe e das mucamas, mantendo as jovens dentro de casa, de preferência na alcova ou camarinha, longe de qualquer perigo da rua, longe de qualquer exposição e vida externa.

No entanto, muitas moças rebelaram-se frente às negações patriarcais “as iaiás dos sobrados, as sinhás das próprias casas-grandes de engenho, deixando-se raptar por *donjuans* plebeus ou de cor, perturbaram consideravelmente, desde os começos do século XIX, o critério patriarcal endogâmico de casamento” (Freyre, 2006, p. 246a). A vigilância se deu em maior parte, devido à temida difamação da moça, deturpando a reputação da família perante a sociedade, desvirtuando-se com homens de cor, ao invés do casamento conveniente com primo branco, fraco e triste, o reflexo das moças no sexo oposto.

Foi muito comum ocorrer matrimônio no Brasil patriarcal entre primos e primas, tios e sobrinhas, sendo uma maneira confiável de perpetuar o nível, mantendo os bens materiais na própria família, sem a interferência de estranhos ou indivíduos de cor, e quando ocorria ao contrário, acabava tornando-se uma “tragédia” para as famílias burguesas, as quais queriam ver as filhas casadas com homens de classe alta, com o mesmo nível social.

Verifica-se nesta época que muitas moças de elite foram levadas para conventos, por precauções dos pais mais conservadores e severos, “onde algumas definhavam de triste donzelice” (Freyre, 2006, p. 242a). Muitas dessas jovens passavam – no conceito de valores da época onde as moças casavam-se muito cedo – do tempo de casar, em razão de problemas com a escolha do noivo e a certeza de que este por sua vez era realmente branco, do mesmo status social, elas acabavam por ficar trancafiadas em conventos, fora da área social, longe de *donjuans* e aventureiros.

Sobre os conventos da época Freyre escreve:

Uns, verdadeiros colégios ou escolas [...] outros, estabelecimentos de correção ou conventos “onde ficam reclusas mulheres e moças, não precisamente de má vida, mas que deram algum grave motivo de descontentamento aos pais e aos maridos”. [...] às vezes simples suspeita de namoro. Desconfiança. Mas não resta dúvida de que, durante toda a época de patriarcalismo, e mesmo durante sua primeira fase de declínio, a lei favoreceu por todos os modos a subordinação da mulher ao homem, no Brasil. (Freyre, 2006, p. 243a)

Todavia, não houve ditadura patriarcal que segurasse algumas donzelas, rompendo as “correntes que lhes impediam de ser livres”, começando desta forma a perda da soberania de muitos pais e maridos. Elas, jovens que pouco conhecia do mundo, se deixavam levar e raptar por homens os quais as famílias jamais aprovariam. Essas situações de raptos ocorreram com grande frequência no século XIX, visualizando outrora que as moças passavam a ter um novo comportamento, nem sempre obedecendo às ordens do chefe de família e através da colaboração das leituras de romances deixavam suas casas para se aventurarem no amor.

Freyre (2006, p. 246a) sinaliza que tais comportamentos de raptos “marcaram, de maneira dramática, o declínio da família patriarcal no Brasil e o começo da instável e romântica”. Neste sentido, algumas mulheres – não esquecendo que muitas ainda foram durante tempos ainda obedientes e fieis as ordens e mandos patriarcais - passaram a ser um pouco menos dependentes das ordens dos pais e maridos, dando-se o direito de fazer suas escolhas, construindo a sua própria identidade.

Considerações finais

Pretendeu-se com essa discussão teórica, desenvolver um breve panorama sobre a construção da identidade feminina, na historiografia, abordando a mulher na História e o processo de afirmação do gênero na sociedade, com os movimentos feministas, as conquistas por direitos, a sua atuação social, cultural, política e econômica. Também destacou-se a historiografia feminina no Brasil pontuando a herança de um país patriarcal, machista e conservador, fazendo da mulher durante séculos um ser submisso, excluída da construção da história, atuando como personagens coadjuvantes do país, na sombra do patriarcado e a mercê de suas representações aos moldes ditados pela sociedade, do que é ser mulher.

Freyre a partir da sua escrita nos propicia e dá suporte na obra *Sobrados e Mucambos* para a pesquisa e a interpretação da moça e da mulher do século XIX frente aos diversos fatores e figuras que estavam inseridos no mundo enclausurado dessas, durante o sistema patriarcal e escravocrata.

Busco com esta análise, somar nos estudos relacionados à historiografia feminina, através do olhar de Gilberto Freyre, escritor que sempre demonstrou atenção em suas obras a mulher brasileira, as representações do gênero configuradas pela sociedade no decorrer da História do Brasil.

Referências Bibliográficas

AMARAL; Ilídio do. *Sobre o Mundo que o Português criou*. Reflexões no Limiar do Século XXI. In: QUINTAS, Fátima (org.) ANAIS do Seminário Internacional Novo Mundo nos Trópicos (Recife, 21 a 24 de março de 2000). Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2000. Em http://bvfgf.fgf.org.br/portugues/critica/anais/anais_SINMT.pdf. Acesso 10 de dez.de 2009 as 14:14 horas

BOURDIEU, Pierre; ORTIZ, Renato (org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero – Beauvoir, Wittig e Foucault. In: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla (coord.). *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. “Gênero” In: *JOBIM*, José Luis (org). *Palavras da crítica. Tendências e Conceitos no Estudo da Literatura*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. (Biblioteca Pierre Menard).

CAMPOS, Regina Helena de Freitas; GUARESCHI, Pedrinho A. (organizadores). *Paradigmas em psicologia social: a perspectiva latino-americana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

D’INCAO, Maria Ângela. *Mulher e família burguesa*. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

DEL PRIORE, Maryl. Sobrados e Mucambos: “a carne e a pedra” no Brasil oitocentista. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *Nenhum Brasil existe – pequena enciclopédia*. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2003.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

FEBVRE, Lucien; MOTA, Carlos Guilherme org.). *História*. São Paulo: Ática, 1987.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. 16ª ed. São Paulo: Global, 2006a.

_____. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51ª ed. Ver. São Paulo: Global, 2006b.

_____. *Inglêses no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

_____. *Vida Social no Brasil nos meados do século XIX*. 4ª ed. Revista, São Paulo: Global, 2008.

_____. *Vida, forma e cor*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

FREYRE, Gilberto; FONSECA, Edson Nery da (org. e prefácio). *Antecipações*. Recife: EDUPE, 2001.

GAMA, Lopes; MELLO, Evaldo Cabral de (org.). *O carapuceiro*: Crônicas e costumes. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Os estudos sobre a mulher e literatura no Brasil: uma primeira avaliação. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *Gilberto Freyre e seu Projeto de Escritor*. Ciência & Trópico. Recife, v. 15, n. 2, 1987.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA; In: Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses*: O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MATTA, Roberto Da. *A casa & a rua*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

NAVARRO, Márcia Hoppe (org.). *Rompendo o silêncio*: gênero e literatura na América Latina. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS. 1995.

ORTIZ, Renato (org.). BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

ROCHA, João Cezar de Castro. As origens e os equívocos da cordialidade brasileira. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *Nenhum Brasil existe – pequena enciclopédia*. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2003.

SCHWARZER, Alice. *Simone de Beauvoir hoje*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS. *Estudos de gênero: programa interdisciplinar da mulher*. Goiânia, GO: UCG-Universidade Católica de Goiás, 1996.

NOTAS:

¹ DEL PRIORE. Mary. História das Mulheres: As Vozes do Silêncio In: FREITAS, Marcos Cezar (org.) *Historiografia em perspectiva*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

² O psicólogo inglês de quem Freyre se refere é Havelock Ellis, o qual serviu de referencia para esta análise deste trecho citado retirado do livro *Man and woman*, op. Cit., p. 407 – 408.